

Memórias e oralidades na perspectiva dos conflitos ambientais de Içara – Santa Catarina (2003-2009)

ELTON LAURINDO DA COSTA*

Este artigo é parte do trabalho de dissertação de mestrado concluído na Universidade Federal de Santa Catarina em 2010. Naquele momento discutimos a formação histórica do conflito de agricultores contra a instalação de uma empresa mineradora de carvão – pertencente ao grupo empresarial Rio Deserto Ltda. – na região sul do Estado de Santa Catarina entre os anos de 2003 a 2009. Os agricultores das localidades de Santa Cruz e Esperança do município de Içara, juntamente com a participação de movimentos sociais e ambientalistas, organizaram o Movimento pela Vida contra a exploração de carvão¹ naquela localidade. Neste trabalho discutiremos questões relativas a memória destes agricultores que atravessam suas narrativas, abrindo-se como uma possibilidade de produção histórica na própria relação ao conflito estudado. Dentro dessas narrativas, apresentamos considerações sobre a formação das *memórias* do movimento, as relações dos agricultores com a terra, os princípios que norteiam e sustentam suas críticas, contra instalação da mina, alicerçados em suas próprias trajetórias de vida. Nesse sentido, apresentamos o quadro de narrativas, agricultores e agricultoras que ajudaram a construir o Movimento Içarense pela Vida, estabelecendo alguns apontamentos das representações da formação da crítica ambiental dos mesmos.

Geograficamente, as comunidades de Santa Cruz e Esperança situam-se na planície litorânea que pertence à Bacia do Rio Urussanga que corta o município de Içara. A localização dessas duas comunidades dentro dos limites do município de Içara

* Doutorando em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista da Fundação de Amparo de Pesquisa e Extensão Universitária – UFSC – no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica: Guarani, Xokleng e Kaingáng. Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina.

¹ Para se ter uma idéia, os rejeitos produzidos pela mineração de carvão contêm 20% de um material denominado pirita carbonosa que, em contato com a água e o oxigênio, libera ao meio ambiente gases sulfurosos, compostos de ferro e ácido sulfúrico, causando impactos ambientais no solo, na água, no ar, na flora e na fauna. Esses efeitos negativos fizeram que a região sul de Santa Catarina fosse enquadrada como a 14ª Área Crítica Nacional, através do Decreto de Nº 85.206 de 25 de setembro de 1980. Ver em LUCA, Francisco Javier de. **Ensaio Crítico de Sociologia e Meio Ambiente**. Tubarão: Copiart, 2000, p. 209.

está a cerca de 180 quilômetros de Florianópolis e 290 quilômetros de Porto Alegre. Essa área é cortada pela Rodovia Federal BR- 101 e pela Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina (FTC) que serve para o transporte de carvão das regiões produtoras adjacentes, conforme a Figura: 01.

Segundo a historiografia regional, a localidade de Santa Cruz foi colonizada no início do século XX por descendentes de poloneses e logo se juntaram descendentes de italianos e açorianos vindos de outras localidades da região sul do estado de Santa Catarina. Já a localidade de Esperança foi colonizada por italianos, açorianos e poloneses, após a instalação da estrada de ferro Dona Teresa Cristina em 1920. Essas famílias conheceram a decadência dos engenhos de farinha, assim como o ápice da monocultura do fumo na década de 1960 e sua crise a partir da década de 1980 (MELLO, 2006). Depois da crise da monocultura do fumo, por volta do início da década de 1990, os produtores da região passam a gozar certa estabilidade econômica e social através da diversificação da agricultura, onde se começa a cultivar também milho, feijão, arroz e morango. Segundo dados oficiais, Santa Cruz e Esperança eram alagadas pelo Rio Esperança e foram drenadas no Projeto Pró Várzea para uso agrícola. O Rio Esperança, afluente do Rio Urussanga, este último, desemboca no Balneário Rincão, que fica na Área de Preservação Ambiental (APA) da Baleia Franca.

Nessa planície litorânea, são encontradas 174 propriedades agrícolas de subsistência, praticamente 1/4 do valor da produção agrícola de Içara está concentrado nessa região. Predominam no município as pequenas propriedades, com cerca de 20 hectares, centradas na mão-de-obra familiar e no contrato eventual de empregados assalariados na época da colheita do fumo. As propriedades rurais encontram-se bastante desenvolvidas no aspecto tecnológico, responsável pelos altos índices de produtividade. São considerados altos se comparados relativamente à média do Estado de Santa Catarina. Os moradores, pequenos proprietários, vivem em casas de alvenaria, com sanitário, telefone, energia elétrica e possuem carro para locomoção. Foram construídos 174 açudes que servem para contenção das águas em época de chuva, criação de peixes e para saciar a sede do gado. Existem cerca de 400 pequenas nascentes de água doce, que os agricultores chamam de “olho d’água”, vertente ou sanga, originando um ecossistema próprio. Nessas propriedades, atualmente moram 300 famílias em um total de mais de 900 pessoas.

Dentro do debate, compreende-se a importância da análise das memórias dos agricultores, em contraponto com a memória oficial que tenta ter hegemonia na opinião pública da região carbonífera, a versão dos agricultores é também dada no campo da disputa entre as memórias – entre aquelas que tentam se estabelecer hegemonicamente na região, tendo grande parcela dos meios de comunicação nas mãos, e as memórias “periféricas” dos agricultores, que entendem que não possuem o mesmo espaço na sociedade para expressar suas posições, contra a instalação da mineradora. Compreende-se o termo no sentido dado por Michel Pollak (1989) “memória em disputa”, quando os agricultores lembram as dificuldades e os esforços que tiveram para tornar o ambiente produtivo para o sustento de suas famílias, preservando o mesmo para utilização futura, que através dessas representações demonstram a necessidade de defender o seu espaço – “A memória entra em disputa. Os objetos de pesquisa são escolhidos de preferência onde existe conflito e competição entre memórias concorrentes” (POLLAK, 1989, p.15).

As memórias que antes estavam no silêncio agora têm a possibilidade de emergirem até o centro do conflito, no que diz respeito à sua própria sobrevivência enquanto agricultores donos do seu “pedaço de chão”. Com o conflito, ressurgiram memórias que estavam no silêncio, e que agora afloram e apontam para uma história viva e rica em detalhes:

[...] os pais deles que eram meus bisavós, vieram da Itália... vieram com seis a oito anos mais ou menos, e aí se formou a família Baldissera, meu pai era o João, e o outro irmão era Antônio, homem neh, e aí mulher tem mais, uma mora em Criciúma e a outra na Vila Nova, e aí isto aqui foi ficando para o meu pai, e foi ficando. Tá assim aqui, estou com 55 anos, e até hoje a gente ta morando na mesma localidade, e é por causa disso que a gente tem amor com a região, com a terra, vivendo aqui, tudo que a gente ganhou foi com a terra, foi trabalhando neh, foi trabalhando, tirando o sustento de casa, a gente casou, formou outra família neh, já está na quarta geração, e a luta continuando, e aí surgiu essa, este problema da mina aí, e a gente ta achando que vai prejudicar não mais a nós, mas aos nossos filhos, os filhos e netos, essa geração aí vai ser mais afetado, então a gente acha que esta mina aí é um problema e vai causar mal para o próximo[...]

Nesse relato, podemos compreender a relação do agricultor com a terra, que vai sendo construída pela sua memória. Baldissera constrói através das relações entre os seus antepassados e as gerações futuras, um conjunto de angústias e dúvidas, condicionadas, pela ameaça concreta da mineradora em suas terras: “[...] e a gente tá achando que vai prejudicar não mais a nós, mas aos nossos filhos, os filhos e netos” (BALDISSERA, entrevista citada). Podemos refletir, ainda, sobre aspectos do próprio processo de imigração e o que ela significa para o narrador, numa perspectiva em que ajuda a justificar a própria prática de defesa da terra. Assim como a sua história é construída e significada neste processo, a representação do lugar vai se dando pela projeção no espaço das práticas sociais do agricultor, instituindo novos significados neste processo de rememoração – como os seus medos e os seus afetos, assim como os valores, costumes e tradições culturais. Concordamos com Alessandro Portelli (1997, p. 31), para quem as “fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa em fazer”. Entendemos que estas narrativas nos ajudam muito mais do que a reproduzir o evento, como ele aconteceu, elas nos ajudam a entender quais os significados que decorrem dele para estes agricultores.

O senhor Baldissera rememora um passado de trabalho e luta na terra, “vivendo aqui, tudo que a gente ganhou foi com a terra, foi trabalhando neh, foi trabalhando, tirando o sustento de casa, a gente casou, formou outra família neh, já está na quarta geração” (BALDISSERA, entrevista citada). O significado que o passado tem para este agricultor é representado não só enquanto passado mas também enquanto perspectiva de futuro – no caso, de poder dar continuidade ao trabalho em suas terras, pelas mãos de seus filhos. Os espaços relacionados aos habitantes das localidades foram apropriados e transformados com o seu trabalho – o trabalho e a terra para estes agricultores, carregam no seu significado, a condição necessária para justificar o seu modo de vida nas localidades.

O passado, construído através do suor e do trabalho na terra, pesa em contraponto ao tipo de indústria que se quer implantar nas imediações de suas terras – pois o empreendimento minerador vem justamente, ameaçar o modo de vida destes agricultores atrelados a terra. As marcas deixadas pelo trabalho na lavoura por meio das

plantações, do dia-a-dia no campo, fazem com que o agricultor construa sua história intimamente ligada a terra e ao trabalho:

[...] era começou plantando rama neh, mandioca, aí ele plantava um pouquinho de arroz, é o que a gente se lembra neh..e aí a gente lembra que depois ele começou a plantar fumo, depois parou, depois começou a transportar fumo para a Souza Cruz... eu também viajava muito com ele, criança neh.. hoje eu ainda puxo fumo, quer dizer, é uma herança que a gente pegou ainda... puxa não!... transporta neh (risos)... aí tu vai pensar mal de mim aqui neh (risos)...mas... a iniciativa aqui mesmo era a rama (mandioca neh), a batata, porco, galinha, criação, depois o engenho com boi neh,... o engenho tocado a boi ... Que eu me lembro dessa época ainda.. e depois começou surgir o engenho a motor com mandioca... Então aí já mais moderno neh...o engenho a motor mais moderno, e aí ficou quando ele faleceu tava o engenho moderno...faleceu em setenta e um, já ta fazendo trinta e um..e três... Daí a coisa foi mudando, passou a mandioca, o rendimento não deu mais para sobreviver, passou para a lavoura de fumo, aí plantando feijão, plantando milho, e...fomos vivendo, a gente sempre levou uma vida muito boa neh, e aí nunca faltou... a terra nunca deixou nós na mão...então a gente tem uma história muito bonita aqui.. e a gente nunca saiu daqui neh... daí eu tenho mais três irmãos que um foi pra Tubarão, outro para Jaguaruna e outro para Esplanada...então aí foi ficando...eu sou o mais novo de homem, e foi ficando...e estou aqui até hoje!(BALDISSERA, entrevista citada)

As ações humanas no cotidiano rural dos agricultores de Santa Cruz e Esperança são entendidas como um compartilhamento de experiências entre os sujeitos na construção do espaço, na disputa por ele, e por consequência na construção de toda uma narrativa que justifique a sua apropriação. Concordando com a ideia de Teresinha Gonçalves (2002, p. 19) de que “o sujeito projeta-se sobre o espaço do qual se apropria, produzindo uma identificação entre sujeito e espaço. Esta reflete o modo de vida daquele que o habita. O espaço assume, então, uma dimensão cultural e social que o sujeito internaliza e representa”. Mais do que um espaço rural, os agricultores expressam um conjunto de possibilidades que dinamizam a ligação entre eles com a própria produção das condições da existência social e com as suas realizações culturais – os seus conhecimentos, habilidades, sentimentos, valores, o modo de ser e de produzir, de se relacionar com a terra e as formas de compartilhar a vida.

O senhor Tomaz Baldissera nos conduz ao seu universo de trabalho, ao seu cotidiano, as coisas que ele viu durante o tempo que passou em suas terras – para ele toda a modernidade que ele viu chegar ao campo fornece uma visão centrada em vários estágios de desenvolvimento para o próprio bem estar do homem no meio rural. Toda essa diversidade de representações apresenta formas específicas de produção de saberes, conhecimentos, valores, culturas por eles dominados, que no dizer do senhor Baldissera formam “uma história muito bonita” (BALDISSERA, entrevista citada). Percebemos sempre o passado narrado nas memórias destes agricultores como expressão de um sentimento em relação ao próprio futuro deles ou de seus filhos, em que se sintetiza na história por eles relatada. Outro exemplo, que faz uma clara ligação entre o passado em relação aos problemas do presente, e que projeta suas preocupações ao futuro é o relato do senhor José Luiz Alves:

Bom... eu nasci aqui, meu pai se criou a vida toda aqui, morreu aqui e deixou os filhos tudo trabalhando nas terras dele... e a gente pretende deixar para os filhos e netos, o que eles deixaram para nós neh...hoje tenho dois filhos casados e um solteiro, um já mora aí pertinho, outro vive comigo ainda, mas a gente pretende deixar um futuro para eles, porque é uma luta [...] .

Podemos perceber semelhantes representações em relação à narrativa do senhor Tomaz Baldissera e à do senhor José Luiz Alves, que também vê na instalação da mina um rompimento com a terra, e conseqüentemente um rompimento com o próprio passado. As histórias de seu José Luiz Alves só têm sentido enquanto existir a possibilidade de permanência de seus filhos em suas terras. Ele mesmo faz questão em demonstrar que existem filhos seus sobrevivendo das terras herdadas e que, para que as gerações continuem a usufruir as mesmas, é preciso afastar o perigo da empresa mineradora “porque é uma luta” (ALVES, entrevista citada), da mesma maneira, que o senhor Baldissera recebera a terra de seu pai, limpa, sem poluição, também quer repassá-la a seus filhos e netos. Se por um lado podemos perceber nos relatos uma continuidade de vida de geração em geração, usufruindo da terra, dos frutos do trabalho e da paz nas localidades, por outro lado esses relatos também apresentam uma ruptura no equilíbrio entre passado, presente e futuro. Nesse sentido, as histórias de Santa Cruz

e Esperança também são atravessadas por um corte temporal que separa dois momentos distintos para seus moradores. O primeiro seria anterior a 2003, quando as comunidades “viviam” em uma relativa paz. O segundo momento seria após 2003, quando se iniciam os conflitos, diante da ameaça da exploração de carvão na região. Como bem expressa o senhor Nico Matiolla, ao rememorar o passado, refere-se à região como um lugar de tranquilidade, harmonia e bem-estar:

Então é assim a gente vivia numa paz tranquila, ninguém incomodava, era um paraíso que a gente vivia. Hoje a gente tá vivendo assim, não vou dizer num inferno, mais, deu uma incomodação, uma tensão muito grande... Tu pensa, o que o meu nono deixou para o meu pai, que deixou para mim, e eu quero deixar para o meu filho. E eu quero que meus filhos deixem para meus netos e assim sucessivamente. A família tava garantida no campo produzindo o alimento, pra quem tá na cidade e quem tava na agricultura tava vivendo tranquilo, porque, como eu falei antes, a nossa terra é o nosso emprego! E eles com a exploração do carvão vêm tirar o nosso trabalho. Nós não estamos pedindo emprego na mina, nos queremos a garantia de terra para garantir o futuro, pra continuar produzindo, vivendo em paz, deixar nossos filho no campo, que é a preferência deles, e ficar no campo trabalhando, que é muito bom.

Como podemos observar, segundo ainda seu Matiolla, ao entrar em discussão a possibilidade de abertura da mina nas comunidades, a tensão começou a fazer parte do cotidiano dos agricultores envolvidos. Assim como o senhor José Luiz Alves, o senhor Matiolla também demonstra extrema preocupação com a herança das terras. Matiolla afirma que, assim como seu “nono” deixou as terras para seu pai, ele também quer deixar para seus filhos.

Os relatos aqui são entendidos pela sua vinculação com as questões inerentes à realidade do agricultor, ancorada na temporalidade e saberes próprios de suas histórias e trajetórias de vida. A terra, o trabalho e a família estão intimamente ligados aos valores desses agricultores e se constituem nas suas representações. Assim para seu Matiolla e seu José Luiz Alves, a terra representa o emprego, o sustento da família é fundamental na manutenção da tranquilidade e harmonia familiar: “A família tava garantida no campo produzindo o alimento, pra quem tá na cidade e quem tava na agricultura tava vivendo tranquilo, porque, como eu falei antes, a nossa terra é o nosso emprego!”

(MATIOLLA, entrevista citada). Nesse sentido, como bem apontou Tedesco (1999), o agricultor não vê no presente apenas a terra, ele vê também a morada, a família e a comunidade, ele não pensa a terra apenas como um meio de produção, ele a tem como patrimônio a ser preservado e passado às gerações futuras por herança, onde valores como responsabilidades e respeito, que são garantidores da preservação das suas famílias visando à manutenção dos vínculos sociais com sua comunidade.

Pensando na vida rural, na terra, na família e no trabalho, o senhor Nelson Zachohenski nos mostra detalhes sobre suas histórias, a vida na comunidade, relatando minúcias que já demonstram um forte apelo ao seu passado. Ao falar da história de seu pai, de como eles realizavam o trabalho, o carnear um porco, o plantar as diversas lavouras, e por fim, como era a família em termos numéricos:

O meu pai... é! ele quando veio morava na Linha Ribeirão... da Linha Ribeirão veio pra cá, comprou metade do terreno, a outra metade, o pai deu pra ele neh... o pai foi e deixou para os filhos, agora os filhos se criaram, e já estão ficando velho neste lugar de novo, só que agora estão querendo estragar pra nós neh! Estão querendo estragar o nosso lado!(risos) (...) a nossa lavoura era milho, fumo, feijão, mandioca... era isso aí... a carne era a gente que fazia, naquela época eu me lembro nós carneava... era um porco, por semana (risos) ... era um porco por semana que era carneado rapaz! Bom naquele tempo tudo tinha família grande neh, não é igual a hoje, hoje uma familinha, é de um filho ou dois neh, naquela época era de oito pra cima neh, e aí agora já controlou um pouco, tu vê que agora, eu duas filhas, e o meu pai, oito! Então é assim, si criemo e estamos até agora aí neh... só que agora essa tal de mina, ta judiando muito!.

Novamente, percebemos a projeção de um futuro incerto, que abala a paz fundada em sua história de vida, que cria angústias, incertezas e que “judia”: “Então é assim, si criemo e estamos até agora aí neh... só que agora essa tal de mina, ta judiando muito!” (ZACHOHENSKI, entrevista citada). A história, então, de seu Nelson ganha um significado não apenas em relação ao passado mas em relação ao presente e ao futuro, porque ao falar da mina, antes discute vários aspectos da sua cultura, apontando desde hábitos alimentares, constituídos na maneira de obter proteínas através da carne de porco, citando que “carneava um porco por semana” (ZACHOHENSKI, entrevista

citada), e relatando aspectos da cultura familiar, refletindo a ocorrência de famílias numerosas, constituídas de oito filhos para cima.

Assim, entendemos que o movimento de agricultores gerado pela possibilidade de abertura de uma mina, no subsolo de suas propriedades é formado por pessoas que têm uma história, que participam de lutas sociais, com nome e rostos. Nesse sentido, os relatos apontam duas questões importantes: primeiramente nos ajuda a discutir através dessas memórias um passado cujos significados estão ligados a sistemas de valores alicerçados na terra e no trabalho. Este “passado” representado apresenta continuidade e coerência em sua construção histórica. A segunda questão a ser apontada e ligada à primeira coloca em destaque as frustrações referentes ao processo de abertura da mina, que vem quebrar seus valores que os ligam a terra pela ameaça da continuidade da cultura do lugar, que impossibilita a seus familiares darem continuidade a seus projetos de vida – uma vez que esses projetos se fundam na herança com seu próprio passado.

Ainda dentro de tais narrativas, apresentamos considerações sobre a formação das identidades do movimento reivindicatório, as relações dos agricultores com a terra, os princípios que nortearam e sustentaram suas críticas contra instalação da mina, alicerçados em suas próprias trajetórias de vida. As identidades foram colocadas como ligadas não apenas a um objetivo em comum – no caso a luta contra a instalação da mineradora na região – mas associadas a um conjunto de identificações que passam pela formação do *ethos* do agricultor. Essas identificações envolvem a história de vida dessas pessoas, que receberam as terras de seus antepassados, já falecidos, no seu cotidiano de trabalho naquela terra, uma identidade com a comunidade local onde interagem em sociabilidades.

Fontes

Entrevistas

ALVES, José Luiz. . Entrevista concedida a Elton Laurindo da Costa, Içara 18 de abril de 2009.

BALDISSERA, Tomaz. Entrevista concedida a Elton Laurindo da Costa, Içara 28 de março de 2009.

MATIOLLA, Santos. Entrevista concedida a Elton Laurindo da Costa, Içara 14 de março de 2009.

ZACHOHENSKI, Nelson. Entrevista concedida a Elton Laurindo da Costa, Içara 11 de abril de 2009.

Referências

ALBERTI, Verena. **Ouvir e Contar: Textos de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1990.

ASCELRAD Henri (Org.). **Conflitos Ambientais no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 2004.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**. 2a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BURKE, Peter. **A Escrita da História Novas Perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

CAROLA, Carlos Renato. **Dos subterrâneos da história: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964)**. Florianópolis. Editora da UFSC, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: morar, cozinhar**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

DEAN, Warren. **A Ferro e Fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira**. Trad. São Paulo, Cia. Das Letras, 1996.

FEBVRE, Lucien. **O Reno: História, Mitos e Realidades**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

FRANCO, Maria L. P. B. Representações Sociais, Ideologia e Desenvolvimento da Consciência. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 121, jan./abr. 2004.

FREITAS, Elisabeth Borges. O Movimento Popular de Rio Albina (Siderópolis). **Monografia de Especialização em Educação Ambiental**. Santa Rosa do Sul, UFSC-EAFS, 1998.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

KARPINSKI, Cezar. Sobre as águas a memória: relações de poder e subjetividades durante a implantação da Usina Hidrelétrica Salto Caxias (Paraná, 1989-2001). **Dissertação (Mestrado) de Pós-Graduação em História**. Florianópolis: UFSC, 2007.

LAMARCHE, Hugles. **A Agricultura Familiar**. Campinas: UNICAMP, 1993.

LEFF, Enrique, Construindo a História Ambiental da América Latina. **Esboços. Dossiê: História Ambiental**, Florianópolis, vol. 13, nº13, pp.11-29, 2005.

MEINIG, Donald W. O olho que observa: dez visões sobre a mesma cena. **In: Espaço e cultura**. UERJ, Nº 13, jan./jun./2002. pp. 35-46.

MELLO, Elza Fernandes. **Içara: Nossa Terra, Nossa Gente**. Içara (SC): Gráfica Otomar, 2006.

MILIOLI, Geraldo. **Mineração do carvão e desenvolvimento sustentado no sul de Santa Catarina**: um estudo exploratório de percepção, valores e atitudes do meio ambiente num bairro do município de Criciúma. Criciúma: Luana, 1995.

MINOTTO, Daniela da Silva Lúcio. Memórias do Cotidiano de Mulheres Agricultoras: Criciúma (1930-1950). **Monografia de Pós-graduação em especialista em História Social e História Cultural**. Criciúma: UNESC, 2005.

MONTYSUMA, Marcos Fábio Freire. Um encontro com as fontes em História Oral. **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v. XXXII, n. 1, pp. 117-125, junho 2006.

NASCIMENTO, Dorval do. A Produção Histórica e Cultural da Região Carbonífera de Santa Catarina, 1880-1930. **In: GOULART FILHO, Alcides (org.) Memória e cultura do carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade futura, 2004.

PÁDUA, José Augusto. **Um Sopro de Destruição: Pensamento Político e Ambiental no Brasil Escravista (1786-1888)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

PHILOMENA, Gerson Luis de Bôer. Cultura do carvão em Criciúma – SC: a história que não se conta. **Dissertação (Mestrado) de Pós-Graduação em Ciências Ambientais**. Criciúma: UNESC, 2005.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, nº3, pp.3-15, 1989.

_____. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, nº10, pp.200-212, 1992.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. **Revista Projeto História**, São Paulo: EDUC, nº. 14, p.1-279 fev. 1997.

_____. A Filosofia e os Fatos. Narração, interpretações e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**. Rio de Janeiro: ed. Relume Dumará, Vol. 1, nº2, p.59-72, dezembro de 1996.

SCHIER, R. A. Trajetórias do conceito de paisagem na geografia. **RA'E GA : O espaço geográfico em análise**. Curitiba: UFPR, n. 7, p. 79-85, 2003.

SILVA, Ana Cristina da. Mulheres que foram a luta: Participação feminina nas lutas sindicais dos mineiros de Criciúma entre 1986 E 1996. **Monografia de Pós-graduação em especialista em História Social e História Cultural**. Criciúma: UNESC, 2005.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VEIGA, José Eli da. **Cidades Imaginárias: O Brasil é menos urbano do que se calcula**. Campinas: Autores Associados, 2003.

WORSTER, Donald. Para Fazer História Ambiental. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.4, nº. 8, pp.198-215, 1991.